L E I L A G U E N T H E R

A Novidade

Não foi sem assombro que me dei conta de sua presença. Se eles apareceram de repente, de uma vez, não sei, mas suponho que sim, que eu mesma, de alguma forma, provocara sua aparição e, embora me entregasse ao ritual da contemplação quase todos os dias, demorei para notá-los – era cedo para que estivessem ali. Mesmo ainda sendo poucos, por causa de seu brilho grisalho e irritante começavam a aparecer mais que os outros, conferindo-me um ar de senilidade que eu não quero, não ainda.

À noite, quando a casa dormia, eu ia para o banheiro, sofreando-me diante daquele imenso jogo de espelhos que destoava dentro do cubículo. Era mesmo uma corrida que se interrompia bruscamente diante do altar erigido para que os desocupados pudessem ver o seu deus: feiúras do corpo e da alma cujo conserto eu adiava para o futuro, achando que haveria tempo, até que esses fios brancos surgiram, oráculos verdugos, como para me lembrar: veio o futuro.

E o ritual, dos dez minutos habituais, passou a trinta diários. Munida de uma pinça, eu caçava todos eles, numa busca incessante e minuciosa floresta adentro, percorrendo, inclusive, a parte posterior da cabeça. E aí sossegava, com o dever cumprido.

No entanto, passavam-se algumas semanas e eles estavam lá novamente, essa parte velha de mim mesma, a me provocar com o mistério de sua aparição, duplicada, triplicada. Talvez de madrugada, no silêncio da noite, eles operassem, pacientes, a sua ressurreição, como a afrontar, com a sua existência, a minha.

Quando enfim me dei conta de que meus esforços eram inúteis, deixei de lado a pinça, e essa coisa nova, atestando o velho, pôde vivificar e florescer sem interrupções, e, agora, eu os contemplo, com uma espécie de indiferença curiosa, todos os dias, divisando precisamente sua localização no mapa de minha cabeça, atenta para os novos que nascem, sempre.

À procura de Poe

Havia quase se esquecido do livro. Ele esteve à sua cabeceira por alguns meses, sobre o criado-mudo, junto a outros, que levava ao quarto para a leitura que fazia habitualmente antes de dormir. Acabou por adiar a tarefa de lê-lo. Mas, nesse dia, como se a hora tivesse chegado, lembrou-se do presente que ganhara.

Foi até o corredor que desembocava na estante de livros que ocupava a parede toda, do chão ao teto. Acendeu a luz fraca e lançou um olhar minucioso para os livros em desordem. Não encontrou o volume ali. Pensou que ele pudesse ainda estar no quarto, caído atrás da cama, e seu rosto se contraiu numa expressão de nojo: abominavam-na os cantos, esses espaços para onde convergem duas linhas a formar um ângulo e onde se acumulam teias de aranha e coisas perdidas. Com uma rápida e distante olhadela, concluiu que ele não estava lá. Tampouco o emprestara a alguém. Lembrou-se, então, de que a faxineira costumava levar os volumes que encontrava pela casa à estante, colocando-os deitados sobre os outros que jaziam na vertical. Vez ou outra, um deles escorregava para trás dos livros enfileirados, no fundo da prateleira.

Voltou à estante e examinou-a, sem achar o volume que procurava. Decerto ele teria caído no vão que se formava atrás dos livros justapostos: já podia até vislumbrar sua capa preta com letras douradas a emergir do buraco mal iluminado. E veio-lhe à cabeça que aquilo era um canto, pior do que os outros da casa, porque os pesados livros à frente se interpunham entre ela e o vazio empoeirado, impedindo-lhe a visão. E não havia ninguém que pudesse fazer aquilo senão ela. Com repugnância, como se tocasse pela primeira vez a vida, encaminhou lentamente os dedos para o vão.

Leila Guenther nasceu em 1976, em Blumenau, SC, e reside em São Paulo, onde trabalha como revisora de texto e assistente do coordenador do Colégio e Curso Objetivo, professor Francisco Achcar. Atualmente, faz mestrado em teoria literária na USP, estudando a escritora russa Nina Berbérova, sob orientação do professor Homero Freitas de Andrade. Foi finalista do Projeto Nascente, da citada universidade, na categoria texto, nos anos de 1999 e 2002.